



A CULTURA CONSTRUINDO A CIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NA FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NO MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO ALMEIDA/BA ¹

Igor de Jesus Santos- santoshigor17@hotmail.com

Bruna Souza Silva - brunasouzasilva01@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as transformações ocorridas na Festa de Nossa Senhora da Conceição, dando ênfase nas questões identitárias com o lugar de estudo, a fim de ressaltar a cultura do povo Almeidense através de suas devoções, relacionadas com a emancipação do município. No trabalho apresentamos num primeiro momento a formação da cidade, a origem de seu nome e a sua emancipação; num segundo momento, abordamos a tradição da Festa de Nossa Senhora da Conceição e a identidade dos Almeidense com o lugar, segundo observação direta e entrevistas abertas.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, Cultura, Identidade, Lugar.

INTRODUÇÃO

Situada no Recôncavo Baiano, com traços de um período imperialista (1790-1890), no ano de 1890 acontece à emancipação do distrito de Conceição do Almeida. Na época, as famílias de muitas posses eram dos coronéis José Leandro Gesteira e Clementino Correia Caldas, que lutaram pelo desmembramento do município da cidade de São Felipe. Assim como as demais cidades tem suas heranças culturais passadas de geração em geração que caracterizam a cultura e a identidade local, a mesma recebe o nome de Almeida, por uma família que tinha muita devoção a Nossa Senhora da Conceição, e cedeu posses de suas terras para a construção da capela. Neste contexto, a Festa de Nossa Senhora da Conceição vem mostrando a fé do povo Almeidense, refletindo a relação dos moradores com a cultura local, que está essencialmente ligada com sua história. No entanto, com o passar dos anos algumas autoridades presentes vem descaracterizando-a.

¹ Trabalho orientado pela professora Rocio Castro Kustner



Consideramos importante manter vivo o patrimônio cultural desses indivíduos, assim torna-se necessário ressaltar o que afirma o decreto nº 25 de trinta de novembro de 1937 que instituiu a Constituição Brasileira a Organizar a Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que de acordo com o artigo 1º,

Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (Organiza a Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Artigo 1º, 1937).

Neste âmbito, objetivamos por meio desta pesquisa analisar as transformações ocorridas na Festa de Nossa Senhora da Conceição, dando ênfase nas questões identitárias com o lugar de estudo, a fim de ressaltar a cultura do povo Almeidense através de suas devoções, relacionadas com a emancipação do município, e as intervenções de autoridades da cidade com a tradição da festa. Assim é importante ressaltar que “significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura, tradição” (CARLOS, 1996, p.20).

O lugar está permanentemente associado com as singularidades que aproximam os indivíduos à Geografia, tornando-a sensível à experiência do vivido. Assim justifica-se o presente estudo pela importância da valorização do patrimônio cultural, dando relevância à diversidade cultural do Recôncavo Baiano, a fim de mostrar as transformações que modificaram a tradição e identidade desse povo através da interferência de autoridades na Festa de Nossa Senhora da Conceição, em Conceição do Almeida.

O cunho metodológico dessa pesquisa constitui-se em levantamento bibliográfico para fundamentar a análise, observação direta na cidade no período da festa e entrevistas abertas que foram realizadas com moradores locais. Os quesitos a serem analisados nesta pesquisa referem-se às questões de pertencimento ao lugar, da cultura imaterial viva e a identidade dos moradores com a tradição. Por isso, seu desenvolvimento encontra-se organizado em duas



partes: a primeira relatando a formação e emancipação da cidade e ressaltando a origem de seu nome; a segunda, enfocando a cultura, a tradição da Festa Nossa Senhora da Conceição e suas modificações, mostrando ainda a relação de identidade dos Almeidenses com a fé e devoção a Maria. Ulteriormente foram pautadas algumas considerações acerca do resultado desta pesquisa.

ANÁLISES GEOGRÁFICAS: DE AGLOMERADOS À CIDADE

Em meados dos séculos XVIII e XIX, entre os anos de 1780-1890 aconteceu à imigração de estrangeiros para o Brasil. Assim em terras do Recôncavo Baiano situaram-se famílias italianas num aglomerado de casas formando um povoado que recebeu o nome de Capela Almeida. Esse nome está relacionado com o de uma família tradicional de agricultores, cujo patriarca era Antonio Coelho D'Almeida Sande, que possuía muitas terras e cedeu algumas para a construção da capela em devoção a Nossa Senhora da Conceição. E foi assim que nomeou-se aquele povoado.

Porém, aquele povoado denominado de Conceição do Almeida pertencia ao território da cidade de São Felipe, mas as famílias dos coronéis José Leandro Gesteira e Clementino Correia Caldas, agricultores, comerciantes e líderes dos partidos políticos já lutavam pelo desmembramento das terras e, em 18 de julho de 1890, aquele povoado passa a ser cidade.

Assim, seu primeiro Intendente, logo após a instalação do município, foi o Coronel José Leandro Gesteira. Desmembrado das terras do município de São Felipe, o topônimo do município passou por outra denominação, recebendo o nome de Afonso Pena, porém em 1934 retornou ao seu atual nome Conceição do Almeida. Desse modo é evidente que a cidade foi construída através de interesses políticos mas ratificando a fé e devoção a Nossa Senhora da Conceição que permanece até os dias atuais. A igreja matriz que hospeda Nossa Senhora da Conceição como padroeira foi construída em 1890.

Figura 1 – Conceição do Almeida ano 1957, com a igreja presidindo a cidade



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE

Segundo último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010), o município possui 17.889 habitantes, contendo três distritos, que são Conceição do Almeida, atual cidade, Comércio de Jaguaripe e Santana do Rio da Bona, com economia baseada no setor terciário e na agropecuária. O município tem uma extensão territorial de 289, 935 km² e faz divisa com os municípios de São Felipe, Sapeaçu, Castro Alves e Santo Antônio de Jesus.

Como fala Lefebvre (1991), a cidade é a base concreta em que o urbano se realiza, com suas construções arquitetônicas, podendo considerar o urbano como um conjunto de relações inseridas na cidade. Segundo Santana (2014, p.4), “É fundamental discutir sobre a questão das cidades pequenas na rede urbana brasileira, tendo em vista que das 5.565 cidades, apenas 433 possuem uma população superior a 50.000 habitantes”. Conceição do Almeida se insere nesse 92% da rede urbana brasileira composta por cidades pequenas.

Para pensar a cidade numa perspectiva histórica e cultural deve-se levar em conta suas origens, o processo de sedentarização humana como afirma Carlos (2009, apud. SANTOS, 2014).

“uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta diferenciada, em função de determinações históricas específicas” [...] a origem da cidade



vincula-se diretamente à existência de uma ou mais funções urbanas, industrial, cultural, comercial, administrativa ou política, que existem de acordo com as condições históricas específicas em suas diferenciações espaciais”.

Nesta perspectiva, as cidades são construídas através de processos da humanidade, em suas diversas escalas espaciais, e a cidade de Conceição do Almeida não se difere, ganhando materialização concreta por meios culturais e interesses políticos-administrativos que ocasionaram sua consolidação como cidade.

FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A IDENTIDADE DOS ALMEIDENSES COM SUA CIDADE

O conceito de lugar é o que mais aproxima os indivíduos à Geografia Humana, desde que é o espaço do vivido em sociedade, com as características que lhe são atribuídas pelas relações humanas, através de seu pertencimento e identidade com o lugar:

O lugar é produto das relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção de vida (CARLOS, 1996, p.29).

E conhecer a história do lugar é também reconhecer a sua cultura. Como nos fala Callai:

Conhecê-la, portanto, pode ser significativo para compreender o lugar, e entender por que as coisas acontecem do modo que estão acontecendo. Reconhecer a cultura local significa perceber a história do lugar, as origens das pessoas que ali vivem e as verdades e valores que pautam as relações entre elas (CALLAI, 2000, p. 122).

A Festa de Nossa Senhora da Conceição tem relação com o lugar ao formar parte da história do município de Conceição do Almeida. A devoção do povo almeidense surgiu



massivamente perto das plantações de fumo, numa zonal rural chamada de São Francisco da Mombaça, para onde os moradores se deslocavam cantando, rezando e agradecendo a Nossa Senhora da Conceição pela colheita de fartura do fumo que permitia colocar o pão de cada dia na mesa de tantas famílias, por sua maioria negra e muitos ainda não libertos.

Em entrevista realizada, o senhor Luciano, morador local, afirma que, mesmo muitos dos almeidenses terem se deslocado para outras cidades para trabalhar e estudar, no período da festa de Nossa Senhora da Conceição voltam para festejar e receber as bênçãos da “Mãe Maria”:

Eu acredito que a Festa de Nossa Senhora é muito animada, o povo Almeidense é um povo muito animado, é um ponto convergente. A gente sai para procurar se estabelecer quanto estudante, trabalhador, mas nesse período da festa voltamos para a cidade (Luciano).

Mas a cultura também é como um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas” (DAMATTA, 1891, p. 2). Nesse sentido, a Festa de Nossa Senhora de Conceição está se modificando, porque, como nos fala Hall:

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias [...] Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003).

Tudo começou com as novenas, que tiveram várias transformações no sentido dos organizadores e patrocinadores das noites, sua organização acontecia que cada noite um grupo era responsável pela novena, ou seja, comerciantes, professores, entre outros, que vai das questões financeiras a sua realização, porém as disputas se acirravam, pois todos queria dar o seu melhor. E hoje as noites das novenas homenageiam as ruas da cidade, mas sua



organização fica por parte da comissão, só escolhem alguns indivíduos para compor a parte da liturgia, enquanto que chegou um momento que na festa prevalecia o profano sobre o sagrado:

Antigamente existia o sagrado e profano, mas à alguns anos atrás não acontece mais a questão profana, mais ou menos uns 20 anos. O povo ainda sente falta, mas é porque no período a gente ia pra rua, assistia a missa, certo, na missa a gente marcava os encontros, e depois da missa a gente ia concretizar os encontros. Parava nas barracas para tomar uma cerveja, para paquerar as meninas, só que a gente estava notando que o foco estava se perdendo, a gente não ia mais por uma Celebração Eucarística, ia mais festejar em comunidade (Luciano).

A bebida e a droga terminou com a festa profana, quando a prefeitura terminou retirando as barracas e proibindo a lavagem:

A comissão da festa que organizava, trazendo um conjunto de sopro, e conseguia muitos litros de bebidas, tinha uma carroça que corria a rua toda, era umas quinze pessoas da comissão, eu que fazia parte quando passava em minha rua, tinha lá 50, 70 litros de cachaça para poder dar ao povo, além da carroça ainda saia das casas, isso foi um dos motivos principais para retirar a tradição. E depois chegou um tempo que juntava bebida e drogas, os meninos paravam mesmo, atrás dos carros, pegava fumava sua maconha, suas coisas que Deus sabe lá o que foi, e quando a gente via era briga, faca, os jovens hoje se queixam porque não tem, mas um dos maiores motivos foi a droga também (Luciano).

Algumas vezes houve umas briguinhas por alguns indivíduos e as pessoas ficavam reclamando, principalmente a comissão organizadora, ai resolveram tirar, tava tendo muita briga e droga (Dona Marinalva).

A grande transformação que ocorreu, abordada pelos entrevistados, foi devida às formas de como os indivíduos da comunidade vinham se comportando diante de um momento tão maravilhoso e divertido que era a lavagem. Porém a comunidade até hoje guarda na memória a festa profana, da que sente falta e a reclama como parte de sua identidade e seus costumes; porque, como diz Tomaz (2010), “parte da memória coletiva de determinado grupo,



a memória de um passado comum e de uma identidade social faz com que o grupo se sinta parte daquele lugar”:

Um das coisas que não devia ter perdido, era o que a Igreja Católica chama de profano, isso tinha uma ligação muito forte, que era você trazer os costumes, as pessoas se reunião na praça, para fazer essas atividades que fortaleciam essa agremiação. Para eles a bebedeira, a maneira de como você dançava na lavagem, incorporava outros elementos da cultura negra, cortar a parte profano foi voltar para o que eles almejem o litúrgico (Professor Marilson).

No entanto, em substituição da parte profana, a comissão organizadora da festa criou o café com Maria, quando na manhã do dia festivo após a carreata, é oferecido um café para toda cidade de Conceição do Almeida, numa grande mesa de variadas comidas, patrocinado pelos comerciantes e moradores. Assim um dos entrevistados aponta a resignificação da festa com o Café com Maria, que neste ano vai completar 14 anos, como algo positiva, porque “surgiu com a intenção de dar uma incrementada na alvorada, o pessoal gostou tanto que hoje já fazemos café para mil pessoas” (Luciano).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Conceição do Almeida, cidade construída por imigrantes e negros, tem uma grande tradição de culto para a Nossa Senhora da Conceição que perpassa séculos, transformando-se em memórias e motivo de pertencimento para os Almeidenses. No dia 8 de Dezembro, como em muitas cidades do Brasil, comemora-se a grandiosa festa desse culto. Em Conceição de Almeida, o culto começa dias antes com noites de novenas em louvor a Nossa Senhora da Conceição. Porém seu enfoque fica para este dia, com uma programação que inicia-se as 05:00 hs com uma alvorada e carreata pelas ruas da cidade seguida do Café com Maria, às 10:00 hs missa festiva e as 16:00 hs procissão pelas ruas da cidade (como ilustra a figura seguinte), finalizando com a benção do Santíssimo Sacramento.



Atualmente é um grande desafio manter viva a cultura imaterial no Brasil. Cidades de todo o Estado vêm resignificando suas identidades, dando um novo sentido a suas tradições. Nesse sentido, as políticas públicas que visam a preservação do patrimônio cultural têm que identificar essas manifestações, para manter viva a cultura imaterial de várias cidades, com o intuito de que as futuras gerações possam desfrutá-las com um senso de pertencimento e identidade com o lugar, mas também entendendo, junto com Hall (2003), a identidade no seu dinamismo como identificação e a cultura como processo constante de resignificação pelo próprio dinamismo da identificação.

Assim, mesmo que parte da comunidade almeidense sente falta da retirada da lavagem, se queixando de que seus filhos não ponderam participar da parte profana dessa festa, os almeidenses conseguiram resignificar sua tradição com o Café com Maria, que continua envolvendo grande parte da comunidade, sendo muito freqüentado ao longo dos últimos 14 anos. Seu poder de convocatória, que merece uma pesquisa mais aprofundada, poderia ser mais explorado pelo poder público através de uma política pública que envolva mais ativamente em pro do município a toda a comunidade almeidense, com foco na futura geração responsável pela continuação da tradição e sua resignificação no dinamismo de toda cultura.

Figura 2 – Procissão de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Elaborada pelo autor

Acreditamos que a reflexão positiva trazida nesse estudo (a ser aprofundado com posteriores pesquisas) possa contribuir para que uma maior atenção seja dada as questões identitárias, culturais e de pertencimento ao lugar, sobretudo em cidades de pequena e médio portes.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do Mundo**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, p, 11-85, 2007.

DAMATTA, Roberto. **Você tem cultura?**. Jornal Embratel, Rio de Janeiro, p.1-4, 1981.

DIAS, Ferreira Alfrancio. **Dos estudos sociais ao novo conceito de identidade**. Revista Fórum Identidades, Itabaiana, vol.9, p, 151-166, 2011.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade.** 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Cidades. Disponível em:<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=290830&search=bahia|conceicao-do-almeida|infograficos:-historico>>. Acesso em: 24. mar 2016.

SANTOS, Alexandre Eduardo. **Do surgimento da cidade ao processo de cornubação: Elementos teóricos para análise.** VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Vitória/ES, p, 1-12, 2014.

SANTANA, Ítalo Costa Vaz. **O processo de transformação urbana de Nova Canaã/Ba: De vila à cidade.** VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Vitória/ES, p, 1-12, 2014.

TOMAZ, Paulo Cezar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no brasil.** Revista Fenix, Uberlândia/MG, vol 7, n.2, p. 1-12, 2010.